

A ESTACÃO

PARTE LITTERARIA

SCIENCIA DE DEUS

Eu não posso conceber existindo por
mesmo, sem concebê-lo em si mesmo
a plenitude do Ser, e por todas as me-
neiras do ser até o infinito. Essa base, se-
gue-se que a intelligencia que é uma
maneira de ser, está no pensamento, eu não
sou por mim mesmo; fôz-me conhecer clara-
mente por minha imperfeição, eu não sou por

nim mesmo, forçoso é que eu seja por um outro. Esse
outro a quem procuro é Deus, Esse Deus que me
fêz e que me deu o ser, pensante não m'o teria dado
se o não tivesse.

Elle pensa pois e elle pensa infinitamente: pois
que elle tem a plenitude do ser, é forçoso que elle
tenha a plenitude da intelligencia que é uma especie
de ser.

A primeira coisa que se apresenta a exame é saber
o que é pensamento e intelligencia, mas a essa ques-
tão eu não posso responder.

Pensar, conceber, conhecer, perceber são os ter-

mes os mais simples e os mais claros de que eu me
posso servir: não posso pois explicar nem definir
esses termos: outros os obscurecem, em vez de es-
clarecel-os. Se eu não concebo claramente o que é
conceber e conhecer, não concebo nada. Ha certas
primeiras noções que desenvolvem todas as outras e
que por sua vez não podem ser desenvolvidas; ne-
nhuma está mais nesses casos do que a noção do pen-
samento.

A segunda questão é saber qual é a sciencia ou
intelligencia que Deus tem em si mesmo. Eu não
posso duvidar que elle se conheça. Já que elle é

NINON DE LENCLOS

Escarcia da ruga, que a prí-he a epi-
derme. Já passava de rava-se juven e
bella, atirando sempre pe certidão de bap-
tismo que rugava: a ca do P. nipo, eua for e eubotav-
se sobre sua encantadora physionmia, sem que nunca
deixasse o menor traço. Muito verde aludis, via-se obri-
gado a dizer o velho rabugento, como a raposa de La Font-
aine dizia das uvas. Este segredo, que a ellestrag agrieta
accrã jamais confidaria a quem quer que fosse das pessoas
aquella época, desconfiou Dr. Lecointe entre as folhas
de um volume da *L'Histoire amoureuse des vailes*, de
dusey-Rabutin, que fez parte da biblioteca de Vintaire e
é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE**
NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.
Esta casa tem-nô a dispozição das nossas elegantes, sob
o nome de **LETTABLE EAU DE NINON**, as suas como
as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epi-
derme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.
Entre os productos embelezados e apreciados da **PARFU-
MERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos a cor natural e
existe em 12 cores;

SEVE SORCILIEAE

que augmenta, egressa e brune as pestanas e os super-
cillios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDE MANOERMALAE DE NINON

para ahuira, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convenm exigir e verifcar o nome da casa e o endereço sobre o
rotulo para evitar as emtições e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de dique, de principio,
por meio da
Pâte des Prélats, que embran puce, alia,
assatina a epiderme, impeda e destrôo as frieiras
e os racha.

UM NARIZ PICADO de pequenas
herbulhas ou
com cravo: uma te aperar sua branura primitiva
e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**,
producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÔES
Para ser bella, encantar todos, olhos
deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de
arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se
L'Extrait Capillaire des Benedictins
do **Mont-Majella**, que tambem impede
que ahi e que biponi brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

as dentas estragadas, e sim: use branqueios
com **L'Extrait dentifrice des Benedictins**
do **Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

Racahout DELANGRENIER



Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente
assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT
dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e prin-
cipalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado as mães quando
dão de mamar, aos convalescentes,
aos anemicos, aos velhos; em resumo,
todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING

BI-DIESTIVO

Recetado ha 30 annos

CONTRA AS AFEIÇÕES DAS VANG FESTIVAS

Paris, Avenue Victoria nº 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"
é o mais saporoso e o mais recommendado
alimento para crianças desde a idade de 6
a 7 mezes, principalmente quando começam
a ser desmamadas* e no periodo de
crescimento. Facilita a dentição e concorre
para boa formação dos ossos.
PARIS, AVENUE VICTORIA, Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAÇÃO DE VENTRE
é aliviada com o
verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
de D. SOULIGOUX

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat

L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ DE ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA A JUVENTUDE e BELLEZA DO ROSTO
A melhor e mais higienica de todas as preparações
para o toucador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ — PASTA — ELIXIR

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Immortale Russe.

EXTRACTOS PARA ENÇOS: Violette Ideale,
Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskar, Iris blanc,
Le Parfum Imperial, Moïsa, Muguet, Quillet Reine,
Imperial Russe, Lilas blanc, Hebotrope blanc, Fougere
Royale, Gloxina, Jasmim d'Espagne, Cur de Russie,
Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Saubise, Roccoo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale,
Fougere Royale, Lait de Thiridac, Royal Houbigant.
PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza
PÓS PEAU D'ESPAGNE,
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



RAPAZ ITALIANO

infinitamente inteligente, é preciso que elle conheça a universal e infinita intelligibilidade que é ella mesmo.

Se elle não conhecesse sua propria essencia, nada conheceria. Não se pode conhecer os seres participados e creados senão pelo ser necessario e creador, em cuja potencia se acha sua possibilidade ou essencia, e em cuja vontade se vê sua existencia actual; porque esta existencia actual não sendo por si mesma e não tendo sua causa em seu proprio fundo, não pode ser descoberta senão mediatamente no que é precisamente sua razão de ser, na causa que a tira actualmente da indifferença a ser ou a não ser.

Se Deus pois não se conhecesse a si mesmo, nada poderia conhecer fora d'elle e por consequencia elle nada conheceria absolutamente. Se elle nada conhecesse, seria um nada de intelligencia. Como pelo contrario eu devo attribuir-lhe a intelligencia mais perfeita que é o infinito, é preciso concluir que elle conhece actualmente uma intelligibilidade infinita; uma só e verdadeiramente infinita, a sua; porque a intelligibilidade e o ser são a mesma coisa.

A creatura nunca pode ser infinita, porque ella não pode nunca ter um ser infinito que seria uma infinita perfeição. Deus não pode pois achar senão em si só a infinita intelligibilidade que deve ser o objecto da sua intelligencia infinita.

De mais é facil ver a primeira vista que a idea de uma intelligencia que se conhece toda inteira perfeitamente é mais perfeita que a idea de uma intelligencia que não se conhecesse ou que se conhecesse imperfeitamente. É preciso sempre encher essa idea de mais alta perfeição, para julgar de Deus. É pois manifesto que elle se conhece a si mesmo e que elle se conhece perfeitamente, isto é, vendo-se elle egual por sua intelligencia sua intelligibilidade; em uma palavra elle se comprehende.

Deus que se conhece com esse conhecimento perfeito que eu chamo comprehensão, não se contenta successivamente e por uma serie de pensamentos reflectidos. Como Deus é soberanamente um, seu pensamento que é elle mesmo, é tambem soberanamente um: como elle é infinito seu pensamento é infinito: um pensamento simples, indivisivel e infinito não pode ter nenhuma successão: não ha pois nesse pensamento nenhuma das propriedades do tempo que é uma existencia limitada, divisivel e transformavel.

Não se pode dizer que Deus começa a conhecer o que elle conhece, nem que elle cessa de conhecer e de pensar o que pensava. Não se pode por nenhuma ordem ou arranjo em seus pensamentos, de sorte que um preceda e o outro siga: porque esta ordem, este methodo e este arranjo só se pode encontrar em pensamentos limitados e divisiveis que fazem uma successão.

A infinita intelligencia conhece a infinito e universal intelligibilidade ou verdade por um só olhar que é elle mesmo e que por consequencia não tem nem vontade, nem progresso nem successão, nem distincção, nem divisibilidade.

Este olhar unico exgota toda a verdade e nunca se exgota a si mesmo: porque elle é sempre todo inteiro: ou, para melhor dizer, deve-se dizer d'elle como de Deus, pois que é a mesma coisa. Não foi não será, mas é, e é sempre todo pensamento reduzido a um.

Se a intelligencia divina não tem successão e progresso, não é que Deus não veja a ligação e o encadeamento das verdades entre si. Mas ha uma extrema differença entre ver todas essas ligações das verdades ou não vê-las senão successivamente, tirando pouco a pouco uma da outra pela ligação que ella tem entre si. Elle vê sem duvida todas essas ligações das verdades; elle vê como uma prova a outra; elle vê todas as

... as pro
... as elle
... orden
... mples,
... visão.
... toda a

... mento que basta para
distinguir de qualq
outro com o qual
poderia ser confun
dido, e não conhecer
entretanto de tal mo
do tudo quanto está
nelle que se possa
ter a certeza de co
nhecer distinctamen
te todas as suas per
feições tanto quan
to ellas são em si mes
mas intelligiveis.

Compreender sig
nifica conhecer disti
ncamente e com evi
dencia todas as per
feições do objecto,
tanto quanto são ellas
intelligiveis. Só Deus
conhece infinitamen
te o infinito, nos não
conheceremos o infinito
senão de uma m
neira infuita.

Elle deve pois ver
em si mesmo uma in
finitude de coisas que
nos não podemos ver,
e aquellas mesmas
que nós vemos elle
o vê com uma evi
dencia e precisão,
para distinguil-as e
combinal-as, que ul
trapassa infinitamen
te a nossa.

... verdade em si mesmo.

... como elle conhece o

... Não se ... é puramente possi
vel como ... Nos já reconhecemos,
fallando das deus e dos ... graus do ser remon
tando ao infinito que ... em si mesmo todos os
diferentes graus ac ... pode communicar o ser
ao que não ... e ... graus de possibilidade cons
tituem todas as ... de natureza possiveis.
Ellas não têm diferen ... si, senão pelo mais ou
pelo menos. De ... em seu poder que é
elle mesmo e ... puramente possível não é
nada de ren ... e ... e dos graus infinitos de
ser que se ... a sua escolha, essa pos
sibilidade não ... seja fora d'elle, nem que
delle se possa ...

(Continua) FENELOR
(Da existencia de Deus.)

Magdalena

(LAI RA MENEZ DE QUENOA)

Com a pallidez da pallida açucena;
A loura cabelleira destrançada;
De joelhos ante o Christo angustiada,
Arrendida chora Magdalena.

Suspira; tremula, a pungente pena
Se reflecte na face descorada;
E beija os pés do Salvador, coitada!
Unge-os, depois, de nardo e de verbená.

— Pai, oh, meu Pai, a impura penitente
Espera o teu perdão, nivio santo:
Toque tua mão minha lasciva frente, a

Diz a contrita em copioso pranto,
Levantando a Jesus, disse clemente:
— Mulher, eu te perdão; amaste tanto...

ALFREDO MARIANO DE OLIVEIRA.

22-12-59.

A população branca da Africa do Sul

Diz-se que os boers contam com a cooperação dos subditos ingleses de origem hollandeza que residem na Africa austral.

Esse elemento está d'alma e coração com as duas republicas sul-africanas, mas é difficil saher até aonde irão os seus sentimentos de hostilidade para com a Inglaterra. Seja como for, não deixa de ter interesse saber se o numero de individuos da raça branca, que habitam a Africa austral, quer de origem hollandeza quer de origem ingleza.

A colonia do Cabo e a Bechuanalandia tem 265:200 hollandezes e 191:800 ingleses; respectivamente, a Basoutulandia 300 e 350, o Estado Livre d'Orange 78,100 e 11,600, o Natal e a Zolulandia 6,500 e 4,500, o Transvaal 80,000 e 123,650 e a Rhodesia 1,500 e 8,500. Total: 431,600 hollandezes e 388,300 ingleses.

Deve notar-se que os ingleses abandonaram em grande numero o Transvaal, nestes ultimos tempos.

Dada a importancia da população de origem hollandeza na colonia do Cabo, se a sublevação com que os boers contam rebenatar antes da chegada dos reforços, os ingleses ver-se-hão num cruel embaraço; nem bastarão os 73,000 homens que elles vão concentrar sobre aquelles vastos territorios para domar a resistencia dos boers e restabelecer a sua autoridade na colonia do Cabo; nesta aeventualidade é de prever que a Inglaterra seja forçada a augmentar as suas forças militares na Africa austral e a immobilizar ali, depois da campanha, effectivos consideraveis.

Os loucos na Penitenciaria

Ja nos referimos a este assumpto em 1.º que o nosso presado amigo sr. João Gonçalves apresentou á Escola Magistral de Lisboa, para fazer o seu trabalho em 1900. Já nos referimos que seu trabalho era de grande interesse publico e que se passou a ser o trabalho de uma grande commissão de trabalho em Portugal.

Em auxilio da commissão de trabalho de apenas dois membros da faculdade de medicina, que muito ha de honra e de credito, e seu inegavel talento, encarecemos a commissão de trabalho um artigo e a commissão de trabalho seu illustre director, o abalado sr. Miguel Bombarda e o sr. dr. Miguel Bombarda e o sr. dr. João Gonçalves.

Pedimos venha a transcrever os seguintes trechos do eminent director do hospital Rilhafoles:

«Não conheço de perto o regimen seguido nas prisões da Europa, mas sei que a corrente dos espiritos penitenciarios se dirige para a direcção d'uma attenção que se manifesta exteriormente das primeiras penitenciarias para os reclusos e para o abandono. Entre nos, penitenciarias de reclusos e de solto isolamento e respeito para com as suas consequencias. O regulamento de trabalho e de disciplina que transformou todas as penitenciarias em outras tantas unidades de trabalho eguaes entre si. Não ha differença de instrucção, de educação, de caracter, de temperamento, de tendencias criminaes, como não ha distincções de idade, de sexo, de robustez, de natureza do crime, de orixem do acto criminoso. Todos os condemnados são absolutamente eguaes, e tratados como outros automatados que tivessem saúde da mesma forma.

«Estamos, todavia, n'uma epoca em que, nos povos civilizados, cada vez se põe em mais alto relevo a necessidade da individualisação da pena e por muita parte se começa a acompanhar a pena da individualisação da sua applicação.

«Já a priori se podia considerar uma penitenciaria de rigoroso regimen cellullar como uma fabrica de doidos. E' evidente que aquella melionha situação de um isolamento entre quatro paredes nuas, succedendo-se bruscamente a uma vida em sociedade, boa ou ma,

não pode senão importar um formidavel abalo cerebral, actuando quasi um traumatismo. A theoria pode, pouco importa. Os factos e que são a plena demonstração da responsabilidade da prisão cellullar na explosão da loucura. Não é so a frequencia das doenças mentaes entre reclusos das penitenciarias, e ainda e talvez mais a espantosa concordancia das formas delirantes. Cá fóra, uma duzia de homens que enlouqueçam, da uma duzia de forma as psychicas diferentes. Nas penitenciarias, todos enlouquecem do mesmo modo; fica de fora uma porcentagem minima; o resto e todo formado dos mesmos perseguidos, estereotypado não so pela natureza como persecutoria do delirio como, mas até pelo seu conteúdo; as perseguições de todos, quasi, são realisadas pelo veneno ou pela electricidade. Dir-se hia que o despotismo unificadord' regimen até as manifestações delirantes leva a sua acção implacavel.

«A these do sr. João Gonçalves, que me dá a honra de acompanhar um folheto que em tempo publicarei, põe em toda a luz os factos geraes a que temos feito referencia e acrescenta-lhes ainda o fructo d'uma observação pessoal da cadeia de Lisboa, que de todo nos fallece. Das suas descrições sae o pavor. Aquella mole que alem se levanta, nos limites da cidade, e que a todos nos deixa, para simples vista exterior, invencivel impressão de mal-estar, precisa de ser examinada por dentro, naquella poirada moral que os regulamentos impoem, para que se tenha toda a medida da violencia da pena. Já não é a penitenciaria, uma prevenção social, ja não e como idealistas previam, uma machina de regeneração e um castigo e um castigo torturante como o d'uma inquisição. E' a impressão que nos causam as negras cores com que o sr. João Gonçalves pintou o quadro. Essa impressão fatalmente se associa com a idéa de explosão de loucura. Sena mesm' bastante para fazer crer na responsabilidade exclusiva da prisão cellullar no fabrico dos seus loucos, se não houvesse os factos que sabemos, e, se ainda mais não subbessemos agora isto—que nem todos os loucos das penitenciarias são transportados para os manicomios.

«Hoje vae-se enfraquecendo a impenencia com que se sentenciava que na penitencia so se fazem loucos os predispostos. Esta escapatoria quasi de todo se tem abandonado.

E ninguem crê na primeira importancia, no caso, do factor degenerativo, visto que, qualquer que seja o seu valor, todos concordam em que os reclusos da penitencia não enlouqueceriam se estivessem em vida livre ou n'uma situação de menor isolamento.

Que importam tangentes ou theorias, se o facto brutal e esse?

«A questão da loucura penitenciaaria e negocio arrumado. Estudemol-a nos seus pormenores de modalidade, de pathogenia, de curabilidade, etc.

«Como forma de etiologia apurada não tem mais que ser estudada.

«Esse é o lado sentimental da questão do regimen penitenciaario, que não é tão insignificante como espiritos fortes o querem considerar.

«A humanidade ainda não vive só da pura razão, ainda tem de appellar para o coração, e cada vez mais se ha de soccorrer de sentimentos compassivos, porque a isso precisamente impelle a mesma razão. A indulgencia tambem na razão se radica, porque a razão todos os dias nos mostra mais e mais a fatalidade do crime, venha elle de um cerebro monstruoso, venha elle de um meio social perturbador.

«Demais—é este o outro lado da questão—á indulgencia somos conduzido pelos mais graves interesses sociaes.

«O tempo já passou em que a vida de um homem era quantidade desprezível quando o homem era de baixa extracção—e tambem passou aquelle em que se combatia a violencia do crime com a violencia do castigo.

«Não se pensa hoje que se possa melhorar um louco contradizendo o, ferindo-o violentando-o. Não se pensa tambem que se possa melhorar a criminalidade com uma theapeutica de repressões brutaes. Dizem o os factos de todo o tempo, desde que o homem emancipou a sua intelligencia para reflectir, e abrir os olhos para ver.

«De longa data mostram elles que n'ha relação directa entre a diminuição da criminalidade e o excessivo rigor da repressão. Profundos philosophos, como Spencer, o tem pensado e o tem visto. E hoje, desde que as ideas generosas mais francamente se tem infiltrado na legislação de certos paizes hoje estamos perante a mesma evidencia. A criminalidade tem deescedido ou tende a de rescer.

«E', pois, no proprio interesse social que se impõe a suavisação do regimen das penitenciarias.

«O tempo de ensaio ja vai demasiadamente longo. E' preciso que passemos a ideias mais justas, mais reflectidas, a sentimentos de maior benignidade e compaixão.

Do Seculo de Lisboa.



CEMITERIO DA ALDEIA

Alma Independente

(A Leal de Souza)

Não pôde a Morte, essa visão esqualida,
de pulso escanifrado mas athletico,
levar ao frio Nada a alma - chrysalida -
Envolta na materia. O vulto sceptico

da ceifadora desgrenhada e pallida,
sômente o corpo quer para o morphetico
quando de vermes que na cava, em calida
sede, espera o miserimo epileptico.

Quando morre nos olhos do infeliz
a luz, em tuas faces o matiz
e os membros perdem o vital calor:

Volta o corpo a ser terra novamente
mas a alma que tornou se independente
voa aos pés do Supremo Creador.

14-XI-99.

M. FARIA CORREIA.

Mozaico

Entre bohemios :

—Que velho é aquelle a quem cumprimentaste ?
—E' meu tio. E' um verdadeiro homem fim de
seculo !

—Como ?

—Tem noventa e nove annos !...

DESDEM

(Raymundo Correia)

Realçam no marfim da ventarola
as tuas unhas de coral, felinas,
garras com que a sorrir tu me assassinas
bella e feroz ; o sandalo se evola,

O ar cheirosos em redor se desenrola,
batem-te at seios, arfiam-te as narinas,
sobre o espaldar de seda o dorso inclinas
numa indolencia morbida, hespanhola.

Como eu sou infeliz ! Como e sangrenta
essa mão impiedosa, que me arranca
a vida aos poucos, nesta morte lenta !

Essa mão de fidalga, fina e branca,
essa mão que me atrai e me-afugenta,
que eu afago, que eu beijo e que me espanca !

A sogra de Calino adoeceu.

—Abra a boca, minha senhora, diz-lhe o medico.
Oh ! que má lingua !

Calino, ao ouvido do doutor :

—Isso não prova que ella esteja doente !

Em um collegio :

—O menino sabe de onde é que se extrae a lã ?

—E' dos carneiros.

—E para que serve a lã ?

Isso não sei.

—Pois não sabe de que são feitos esses calções
que tem vestidos ?

Sei, sim, senhor. São de umas calças velhas do
papá.

Uma menina é interrogada em grammatica :

—Diga me o futuro perfeito do verbo amar ?

—O futuro perfeito... E' caçar.

Em um restaurant :

—Traga-me um bife.

—Com muito gosto.

Sim, com muito gosto e com muitas batatas.

SCENA DO LAR

Toda a casa parece estar deserta
Longe, o seu chefe, sensual, disforme,
Vella na orgia, enquanto a esposa dorme
E o filho, cauteloso, ao seio aperta.

Pobre mãe ! Traz á alma a dor aberta
E espera, mergulhada em dor enorme,
Que n'alma d'elle a previsão se forme
Do fim, onde vai ter a orgia incerta !

N'essa noite, já tarde, eil-o de volta :
Entra ; pára, ella dorme, e ao contempl-a
Vê-se tão vil e mau que se revolta !

Vai dar-lhe um beijo ; intima voz lhe fala,
Detém-se, timido, um suspiro solta
E sáe do quarto sem ousar beijal-a !

Rio, 1893.

JOVINO MARQUES

CHRONIQUETA

Rio, 12 de Janeiro de 1900.

E' de rigor começar a primeira chroniqueta do anno
desejando que as formosas leitoras tivessem boas sa-
hidas e melhores entradas.

O 1899 a ninguem deixou saudades: foi o anno da
bubonica e de outras pestes sobre as quaes não quero
insistir para não azedar estas c lunnas alegres,—e não
poderia ter tido um epilogo mais digno da sua ruindade
do que essa farça escandalosa que se representou no
dia de S. Sylvestre, intitulada *A eleição federal*.

Mas o diabo é que em geral as farças fazem rir, e
esta só causou nauseas. Imagine-n que vieram duas
urnas parar á rua do Ouvidor ! Um amigo meu, que
teve bastante coragem para ir votar, afirma que ouviu
um defunto ser chamado sem o auxilio do espiritismo,
comparecer e votar ! Elle (o meu amigo, não o de-
funto) bem quiz protestar, mas teve medo de que o
«enchesse», para empregar aqui uma expressão ca-
padoxia, que vem muito a proposito sempre que se
trata de eleições.

Se Eva Canel, a illustre escriptora espanhola que
actualmente se acha nesta capital, anda a estudar os
usos e costumes dos varios paizes que percorre, não
deixe de analysar o que por ali se tem escripto a respeito
das eleições do dia 31. O assumpto poderá fornecer-
lhe paginas e paginas de uma philosophia profunda,
principalmente se, observadora como é, ella se conve-
cer de que das boas eleições depende o progresso do
Brazil.

Falleceu no Pará, onde commandava o 1.º districto
militar, um bravo soldado brasileiro, o general Solon,
cujo nome era conhecido e respeitado em todo o
paiz.

Nunca me hei de esquecer uma scena a que assisti
no dia 1.º de Novembro de 1899, e na qual tomou
parte saliente o major Solon.

Eu estava a uma janella de secretaria da Agricul-
tura, quando ouvi galopar de cavallaria. De repente,
appareceu, envolvido em poeira, um luzidio pelotão,
commandado por aquelle major, que era bizarro a ca-
vallo, e carregava galhardamente os seus 50 annos.

O pelotão formou em boa ordem diante do paço. O
commandante, em grande uniforme, apcou-se e entrou
no casarão de D. João VI, levando na mão uma
folha de papel enrolada : era—todos o adivinharam—
a deposição do imperador, a intimação mandada pelo
governo provisório, — era a Republica !

ELOY, O HEROE.

THEATROS

12 de Janeiro de 1900.

Nenhum... eu depois do meu ultimo
artigo, *A Bexiga e Mulher para dois* têm se aguen-
tado em scena no Variedades e no Recreio ; a com-
panhia Pery continua a dar espectaculos no theatro
S. Pedro ; e... disse !

A companhia de comedia e opereta organisa-la pelo
distincto comediographo Acad. Antunes já está en-
saiando no Apollo a *Valsa Clara*, burlera em 3 actos e
12 quadros, de Arthur Azevedo, musica de Costa Junior.

X. Y. Z.

Novidades Musicas

Recebemos e agradecemos :

E. Bevilacqua & C. — Album para dansa, 1900, con-
tendo :

Valsa, musica de C. Dangremont ; Polka, musica
de Nicolino Milano ; Schottisch, musica de A. Milanez.
Tango, musica de A. M. M. Guimarães ; Marcha,
musica de A. Milanez ; Si meo vero avaient des alles...
poesia de V. Hugo e musica de Reynaldo Hahn.

M.^{me} Gazzaniga & M.^{ello} Bier
COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(SOBRADO)

Encarrega-se de Tulos,

Encoavaes para Casamentos
e todo e qualquer trabalho
concernente á sua arte

RIO DE JANEIRO

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam
estes pós communicam ao rosto uma mara-
vilhosa e delicada belleza e deixam um
perfume de exquisita suavidade. Além dos
brancos, de notavel pureza, ha outros de
quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa,
desde o mais pallido até ao mais colorido.
Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que
mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branquea e
amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irrita-
ções e Comichões tornando-a apvelludada ;
pelo que respeita as mãos, dá solidez e
transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas seis Casas de venda, por miudo nos bairros mais ricos de Paris.

Reconstituinte geral
do Systema nervoso,
Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER
NEUROSINE-KAPOPE — NEUROSINE GRANULADA
NEUROSINE-CAPSULAS

Debilidade geral,
Anemia, Phosphaturia,
Enxaquecas.

Deposito Geral:

CHASSAING & C^{ia}, Paris, 6, Avenue Victoria.

PARTAMOS

Surge fresca a manhã primaveril;
a aurora, a marchetar os arbores,
parece convidar os rouxinolos
a tanger o phantastico arrabil.

Na curva immensa do tranquillo anil
já não scintillam coriscantes soes,
despreza, pois, a neve dos lençoes
alvorada de amor, fresca e gracil.

Eis, partamos, garrula Condessa,
quero verte gentil, quando anoiteça,
nos verdes matageas da minha aldeia,

saltando de teu *phaeton* deslizando,
esbelta, triumphal e saltitante
cantarolando carmes de sereia.

LEAL DE SOUZA.

2 de novembro

(Episodio funerario de viagem)

—Quer presenciar um espectáculo summamente original e que é provavel não encontre em outra parte exemplo parecido? — disse-me o mestre escola, em cuja casa tinha passado todo o dia.

E' inutil dizer que accitei pressuroso o convicte. Que deseja o viajante amigo de impressões e ansioso de curiosidades, senão que lhe proporcionem espectaculos novos e cheios de sabor local? Além de que, aquelle cantinho de Westphalia interessava-me em alto grau pelo seu character especial, costumes, historia anecdotica, lendas, não menos que pelo sabor tão mediavel das suas casas e o aspecto poeticamente agreste da paisagem.

—N'esse caso, accrescentou o amavel pedagogico, depois de cear iremos á festa.

—Ha festa?...

—E das mais characteristics: a festa dos defuntos.

—Occorreu-me então que estavamos a 2 de novembro - o melancolico dia da Commemoração dos fieis defuntos. Fiz ainda algumas perguntas ao mestre escola, que illudiu nas respostas, dizendo apenas:

—Verá verá, meu amigo... E' muito curioso, muito!

Não insisti, e esperci tranquillamente que chegasse o momento da festa annunciada com enigmático sorriso. Passamos a noite em casa do burgo-mestre, homem extremamente amavel, e lá ceamos com a familia. Não havia meio de resistir ás cordeas instancias da digna auctoridade municipal, de sua esposa e de duas filhas, que tambem «assistiram á festa».

Deram onze horas na torre da antiquissima egreja, obra do seculo IX, segundo creio, quando nos puzemos a caminho. Observei que os meus companheiros vestiam as melhores farpellas, que as mulheres ostentavam joias de familia, que só exhibem nas grandes solemnidades. Precedidos de um criado que na ponta d'uma vara levava uma lanterna, especie de enorme pharol, cruzamos as ruas da pequena povoação, ordinariamente desertas a semelhante hora, mas n'este momento muito movimentadas. Homens, mulheres, velhos e creanças, burguezes e operarios encaminhavam-se a passos lentos, seguindo todos a mesma direcção, para a *Porta Velha*: o vetusto e sombro portal, além do qual se alarga a campina.

Uma vez em pleno campo, o aspecto d'essa multidão marchando compassadamente silenciosa, e compacta, sob um céu escuro, em cuja negrura lucilavam milhões de estrellas, offerencia o que fosse de singularmente phantastico. E o que augmentava essa impressão até um ponto intraduzivel, era a claridade avermelhada em que se movia a columna humana, seguindo por larga estrada marginada de arvores, cujos ramos nus de folhagem pareciam braços espectraes erguidos em convulsões de desespero para o alto: claridade produzida por centenas de lanternas que, elevando-se a alguns palmos acima da multidão, illuminavam com vacillantes reflexos as physionomias placidas e graves dos expedicionarios.

... e saíam de caminho e saindo d'um pequeno valle que, formando encosta, desembocava n'um largo terreiro, uma vizão estranha arrancou-me uma exclamação de assombro: a quinze metros de distancia via-se um cumprido paredão branco, que dividia em duas partes eguaes uma porta de ferro; e no remate d'esta, como na crista das muralhas, apparecia uma larga fileira de balaiosinhos de papel, vermelho, azul, verde, amarelo, branco, — uma profusa illuminação á veneziana, que fazia resplandecer a simplicissima fachada do cemiterio.

—E' o cemiterio onde vamos? perguntei um tanto admirado.

—Sem duvida. Quer melhor sitio para celebrar a festa dos mortos?

Sem precipitação, com serenidade verdadeiramente germanica, a multidão ia penetrando no funebre recinto, e entrando tambem senti augmentar o meu assombro até um ponto indizivel. Todo o cemiterio resplandecia alegremente, se é possivel empregar-se semelhante impressão tratando-se de tal logar; sobre as pedras sepulchraes dissimuladas aqui e alli, dos ramos dos cyprestes, dos mousoleus de mormoro e de granito, das cruces sobre monticulos de terra, brilhava a morticia luz dos pharolins; e da ramagem verde-negra das arvores, erguendo-se immoveis na suave quietação da atmosphera, entre as folhas amarellecidas dos arbustos, centenas de luziuhos tremulavam pallidas claridades. Não havia um cantinho escuro; e a necropole apparecia envolta d'um outro extremo n'um manto luminoso.

Ao centro do «campo santo» levanta-se uma capella em forma gothica, cujas ogivas de vidros de cor fuzilavam em magnificos cambiantes ao reflexo da sumptuosa illuminação da nave e do altar. Penetramos com grande custo; e as doze badeladas da meia noite vibravam no espaço, quando o sacerdote sahia da sarcophaga para celebrar o officio de defuntos.

Ah! nunca esquecerei a emoção poderosa, profunda que se passou por meu espirito, já sobreexcitado. No meio do piedoso recolhimento d'aquelle santo logar, os accordes do órgão brotaram em vaga harmonia e logo ás vozes do mais religioso dos instrumentos se enlaçaram vozes humanas, d'uma precisão e doçura incomparaveis. Era um cantico singelo e magestoso; canto funebre e de esperança, ao mesmo tempo; hymno de louvor para o Senhor que recebe em sua gloria, que acolhe em seu seio os que desapparecem d'esse mundo. Não havia n'essa prece que resoava com infinita doçura sob as respandentes abobadas do pequeno templo, nada da lugubre tristeza em que se envolve n'este dia de Defuntos a commemoração da Morte: as vozes do órgão e do coro respiravam alegria grave, quasi augusta; e quando no final do incruento sacrificio, o officiante estendeu as mãos para abençoar os fieis, brotou de subito do teclado do instrumento e das gargantas humanas um esplendido hymno de triumpho, um clamor de graças ao que abte as portas da vida eterna.

Acabada a missa, sahimos da capella, e o extranho espectáculo que antes havia contemplado, de um cemiterio illuminado a *torno*, de novo se me apresentou com maior intensidade de cor e de movimento, com uma exuberancia de vida e de luz indiscrepível.

Todos os habitantes da povoação circulavam pelos carreirinhos, as alamedas e os terreiros encanteados, levando nas mãos coroas de flores e de fetos, com ramilhetes e grinaldas que iam depositar sobre os tumulos, com um enternecimento que não podia dizer-se se expressava afflicção humana ou o goso d'um allucinado.

Grupos de donzellas ataviadas com as suas meliores galas, em volta d'uma loisa coberta de profusão de rosas brancas entoavam a meia voz uma canção... a mesma canção que um dia cantara com as suas jovens companheiras a polve moita que, convertida em informe despojo, dormia sobre a fria pedra o somno que nunca termina.

Sentado á beira d'um modesto jazigo, um homem, ainda moço, de boa estatura, cabeça pendida, fitava um intenso olhar sobre o marmore humido da caemba da noite; seus labios moviam, transmittiam devagarinho phrases meigas, a recordação inefavel de uma

alma confidenciando com a esposa, a mãe ou a filha... E com as mãos apoiadas sobre uma cruz de ferro, vi um velho, cuja cabeça, coroada de cabellos brancos, se acercava a cada momento, sorrindo para depositar um beijo na pedra fúnebre...

Então, perante esse quadro indiscrepível da vida festejando a morte; aquelle cemiterio expansivo já luz, alegremente phantastico, senti o meu espirito penetrado de profunda perturbação. E quando horas depois, terminada a festa, apagadas as luzes, o «campo santo» regressou á sua habitual quietação, — vi despontar a pallida aurora de um dia nebuloso e triste, e dirigi-me para a cidade, com a multidão silenciosa dos homens que tornavam ás suas lutas, ás suas dores e misérias, ás suas illusões e desenganos... E perguntei no fundo da minha alma.

—«Onde estão os verdadeiro mortos?»

Isto foi o que me contou hontem o meu amigo Placido, que tem viajado muito e lido muito mais; mas desconfio que elle tem a cabeça algo transbordada.

FRANCISCO MYSTERIO.

Alvorada

A' minha doce Candura, de olhos azues e de cabellos de ouro...

Meu coração Candura, antigamente
ás blandicias do amor era fechado;
Nelle existia a dor, unicamente
a eterna dor de um triste condemnado!

De alegrias, jamais um raio quente
elle sorveu... Vivia aprisionado
numa ferrea redoma espinescente,
que o fazia gemer... pobre, coitado...

Hoje desperta aligero pulsando,
e tenho-o jovial e satisfeito,
como um liberto passaro trinando...

Bem dita sejas tú, ó doce amada,
que fizeste romper neste meu peito,
de um forte amor a fulgida alvorada!

Porto Alegre—99.

LUIZ H. DE SOUZA LOBO.

O avaliador Langley

Estara resolvido d'esta vez o problema da locomoção aerea! Se interrogarmos a este respeito qualquer conterraneo de Mr. Mac Kinley que esteja ao facto das experiencias de Langley, não pôde haver duvida a tal respeito. Se interrogarem o proprio Langley, este ainda está mais affirmativo. O seu aeroplano desafia todas as criticas e é já hoje uma terrivel machina de guerra, superior em velocidade o uma locomotiva, pairando como uma aguia de immensa envergadura e susceptivel—a despeito de todas as conferencias de Haya de fazer chover sobre o inimigo um aguaceiro medonho, se assim oseo exprimir-me, de projectis, de metralhas, de petroleo inflamado e outras substancias não mais agradaveis.

Não foi de golpe, em resultado de uma inspiração genial, que o *aviador* Langley saiu do nada para a realidade. O inventor começou pela construcção de um machinismo que devia pesar não mais de 25 libras inglezas e corresponder á força de um cavallo-vapor. Quando o concluiu verificou que o seu peso era 30 libras e que não chegava a desenvolver a oitava parte calculada.

Este resultado não descoroçou o paciente inventor. Para dar uma idea da tenacidade com que elle proseguiu na execução do seu plano, bastará dizer que as suas tentativas se reproduziram mais de dez vezes, marcando cada uma d'ellas um progresso.

Entretanto nunca Langley teria conseguido produzir nada de viavel — e da viavel — sem a descoberta recente da liquefacção do ar, que poz á sua disposição um agente prodigioso de força motriz, superior a todos os que existiam até hoje.

Eis a descripção summaria do appparelho Langley:

O seu aspecto é o de uma ave colossal e a fisionomia é com leta quando a gente o vê fender o espaço de uma altura vertiginosa.

Construido de aluminio, o seu corpo ou casco mede 25 pés de comprimento, seis de largura e oito de altura.

Esse casco é comico nas duas extremidades e provido de janellas. Entra-se por duas aberturas, uma de cada lado da proa, numa especie de camara, munida de redes para dormir, de utensilios de cozinha e outros objectos.

Atraz d'esse compartimento ha um outro que é a sede da vida do monstro aereo. Ahí é que Langley armazena o ar liquido que lhe serve para pôr em movimento as machinas e para liquefazer os gazes elasticos, que são a potencia inicial da alavanca da machina.

Foi a recente invenção d'este ar liquido por Tripler que tornou possível a construção de uma machina de aluminio e aço, que desenvolve 20 cavallos de força e que pesa apenas 47 libras.

Por detraz da camara reservada á machina ha um compartimento espaçoso que serve de armazem para tudo o que é indispensavel levar para uma longa viagem.

Exteriormente ao aeroplano e um pouco na retaguarda acham-se as rodas com pés que podem dar 2.000 giros por minuto e realisar uma velocidade de roo milhas por hora.

Por cima d'essas rodas e estendendo-se de uma extremidade a outra do apparelho voador abrem-se as azas ou velas, cada uma das quies tem 24 pés de envergadura, a partir da borda do casco, e seis pés de largo.

Serviram de modelo as azas do albatroz, por haver demonstrado a experiencia que esta forma dá uma força de ascensão tres vezes maior que a superficie plana. A'pópa ha um duplo leme, um para mover a aeronave no sentido vertical, o outro no sentido horizontal.

O que caracteriza particularmente este apparelho é o sacco de gaz ou balão montado ao centro da nave, ao qual se acha preso pela rede e sistema de cabos geralmente empregados nos aerostatos.

O aeronave Langley pode transportar facilmente cinco a seis pessoas e seria facil modificar a construção para appropriar-a a maior numero de viajantes. No seu estado actual bastam dois homem para a manobra, um machinista e um piloto.

O professor Langley crê que combinando a potencia de ascensão do balão com a propriedade que tem o aeroplano de se sustentar no ar com as azas desdobradas, se poderá attingir altitudes maiores do que até hoje.

O aeroplano pode descer a terra com a ligeireza de um passaro,—augmentando-se ou diminuindo-se a provisão de gaz no balão, o que permite graduar o movimento descendencial e chegar até o rez do chão sem o minimo choque.

O novo aeroplano Langley custou cerca de 17.000 dollars.

Os americanos calculam que com a despeza de um milhão e meio de dollars construirão em pouco tempo um cento d'essas machinas aereas, que poderiam em pouco tempo destruir um exercito inteiro pelos meios que facilmente imaginam.

A America não tardaria a ficar senhora absoluta do universo e esta perspectiva enche de satisfação o tio Sam.

Infelizmente esta demonstrado que as grandes invenções não ficam muito tempo em segredo exclusivo do inventor.

Quando digo *infelizmente* é no ponto de vista yankee que me colloco.

Na realidade seria um beneficio incalculavel para a especie humana que o aeroplano Langley realizasse tudo o que d'elle se annuncia e fosse effectivamente um engenho formidavel capaz de destruir com mil vidas em um minuto.

A consequencia immediata d'este invento seria a supressão das guerras. Poder-se-hia desejar resultado mais providencial!

Primavera e Inverno

Qual ribeiro entre margens de verdura.
Tal nos corre da vida a primavera.
Mama tranquilla a sua lymphia pura;
O maior vento so de leve a altera;
Nenhuma nuvem lhe parece escura;
Quer seja rutilante o azul da esfera,
Quer se enlute de sombras e vapores,
Miram-se n'ella da campina as flores.

Mal cobre o leite a christalina veia,
Onde alvejan mil caudidas pedrinhas;
Junto das bordas quando menos cheia,
Ve'n' bicar as singelas avesinhas.
Pulando aqui, ali, na lisa areia;
Ou, dos ramos das arvores visinhas,
Fazem soar os módulos trinados,
Co'o o murmúrio das aguas ajustados.

Se ás vezes se escurece, quando passa
Por debaixo dos languidos salgueiros,
Ao sel depois fulgura com mais graça,
Multiplicada em tremulos luzeiros;
Se o curso breve estorvo lhe embaraça,
Ferve; borbulha; solta uns ais ligeiros;
Quêda-se por momentos indecisa:
E logo clara e placida deslisa.

Assim na quadra da florente idade,
Entre risos, prazeres, harmonias,
Do futuro sem medo á tempestade,
Vemos suaves decorrer os dias,
Sonhando gloria, amor e liberdade,
As penas esmalitando de alegrias
E revestindo até de extranho encanto.
A nossa propria dor, e o nosso pranto.

Mas como rio lugubre e profundo
E da existencia o desabrido inverno;
Nem flores margens, nem verdor jocundo,
Nem das aves sequer gorgeio terno,
Nada nos mostra no sombrio fundo;
Corre entre rochas, neve e gelo eterno,
Rochas que formam sobranceiros montes,
E nevoas que lh'encurta os horizontes.

D'est'arte, ao declinar, se escoa a vida
Por entre desenganos e tristeza,
Turva, da idade e lagrimas crescida,
Quão diversa da antiga natureza!
Da saudade nas brumas envolvida,
Do desconsolo e dissabores preza,
Vendo o passado, tão distante, perto,
E proximo de lida o termo certo.

De se queixar, de tudo fatigado,
Foge do mundo então, e não se queixa
O homem pelo mundo abandonado;
Antes, no coração o pranto fecha;
E o mundo de apparencias enganado,
Porque elle as magoas, resoar não deixa
Porque não sabe ler-lhe o fundo d'alma,
Negro, insubvel, o suppõe em calma!

Ah! se no abysmo penetrar podesse
Que tão mentida placidez encerra,
Ah! se o intimo fel lhe revolvesse,
Como a veria não em paz, em guerra,
E de vel-a talvez piedade houvesse!
Mas quanto, louco o meu juizo erra!
Que importa ao mundo baixo, leviano,
Vão, egoista, o sofrimento humano?

RAMOS COELHO.

Aventura engraçada

Sob a epigraphie «O doido e o commissario» narra *Le Malin* a seguinte que parece uma verdadeira historia de cebra cega:»

«Acaba de succeder uma aventura bem divertida a um commissario de policia de Paris.

Ha alguns dias, esse magistrado, cuja repartição esta situada em um bairro central, estava substituindo a um seu collega, de licença.

Na tarde d'esse mesmo dia trouxeram-lhe um pobre maluco, que tinha commettido um delicto de futil importancia.

O commissario ordenou aos agentes que soltassem o prisioneiro, mas, recomtando, mandou que lhe trouxessem.

Em primeiro lugar, convem notar que o commissario e o posto de policia são situados no mesmo predio: o primeiro no andar terreo e o segundo no primeiro andar.

Um dos inspectores do commissario desceu á rua e perguntou ao agente de plantão:

— Não viu sair um individuo sem chapéo, tendo o ar amulcado?

— Não; não vi sair viva alma.

— Então elle foi-se embora por ali, replicou o inspector. Vou tratar de reencontral-o.

E atirou-se a procura do maluco, que segundo seu caleo, não devia ter dobrado a esquina da rua.

Vendo que o inspector demorava em reconduzir-lhe o seu culpado, o commissario desceu por sua vez sem chapéo, a penna atraz da orelha.

O guarda de plantão segurou-o vigorosamente pelo braço;

— Vamos! alto lá! é preciso tornar a subir: o sabichão lá de cima tem ainda necessidade de vos fallar.

Pasmo do commissario que disse ao agente:

— Mas o doido que eu procuro, creio bem que sois vos. E' preciso tratar-vos, meu amigo.

— Sim, sim, essa cantiga é conhecida, replicou o agente zombeteando; mas a mim é que ninguém em bulha.

Se V. não quer subir por bem, vou obrigar-o a subir pelo couro das costas.

O barulho da altercação fez sair do posto do cabo da guarda; este, por um acaso verdadeiramente extraordinario, tinha sido promovido na vespera e vinha de outra circumscripção.

Depois de se ter informado do que se passava, e convencido inteiramente de que o commissario era o verdadeiro doido, entendeu dever empregar um estratagemma, para sem usar de violencia obrigar o homem a tornar a subir ao primeiro andar.

Trocou com o agente um signal de intelligencia e disse ao magistrado, em um tom ironicamente diferente:

— Sr. commissario, vosso secretario vos roga subir immediatamente, pois ha um documento muito urgente que precisas assignar.

— Bem achado! bradou o guarda.

O magistrado, victima d'este burlesco quiproquo; entrou no seu gabinete acompanhado do cabo e do guarda.

Mas não pôde reprimir a colera quando ouviu o cabo dizer ao agente:

— Elle não tem o ar perigoso mas mesmo assim é preciso revistal-o e depois metel-o no xadrez de segurança.

Por felicidade o segundo inspector e o escrevente intervieram, fazendo comprehender aos agentes seu grosseiro equívoco.

O cabo e o agente ficaram de tal modo estupidos que apenas poderam pronunciar excusas incoherentes que o commissario, finalmente, muito divertido pela aventura, acolheu com inextinguiveis gargalhadas.»

MOLDES CORTADOS
TAMANHO NATURAL

N. 38—Vestido primavera 28000

Pelo correto mais 800.